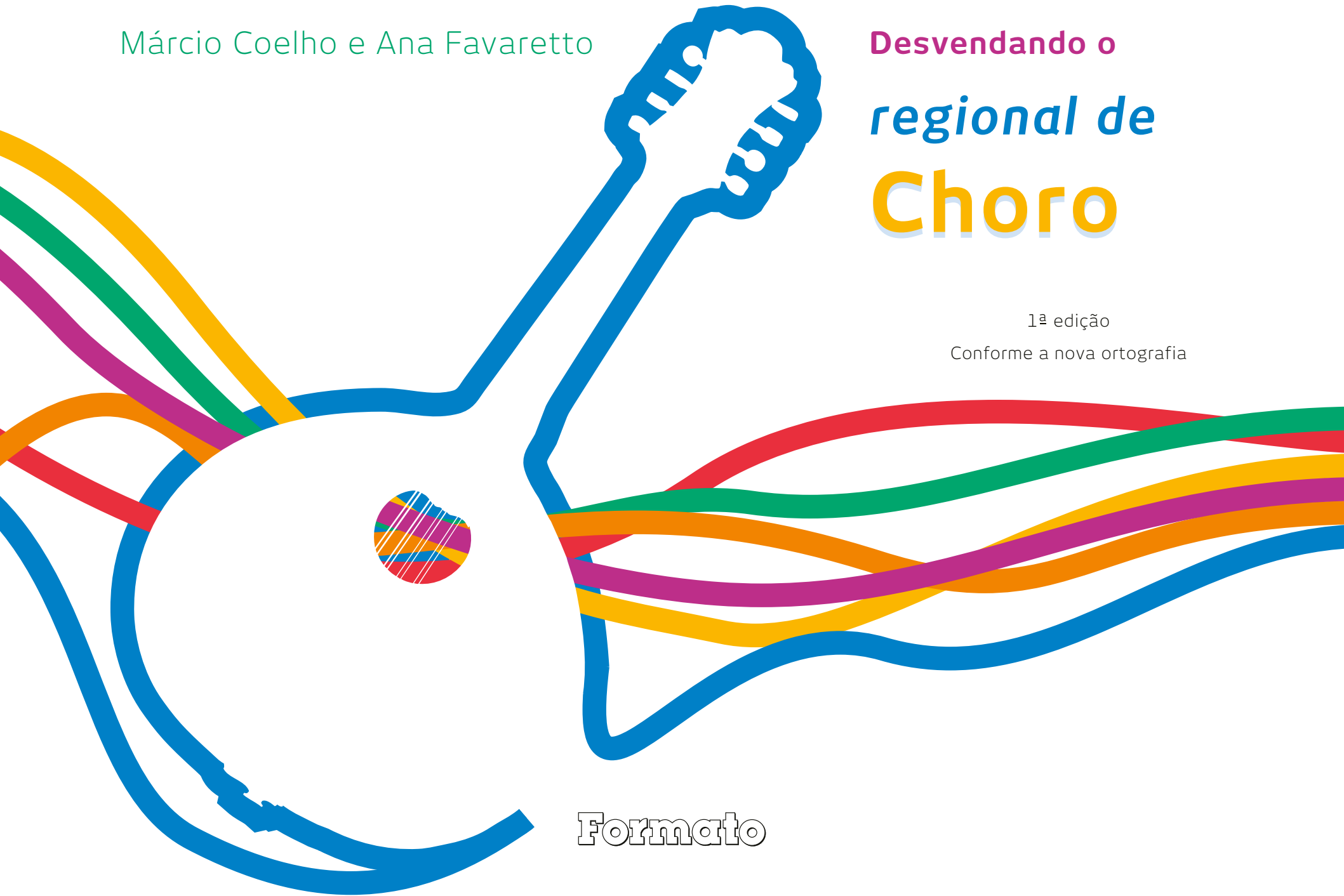


Márcio Coelho e Ana Favaretto

Desvendando o
regional de
Choro

1ª edição

Conforme a nova ortografia



Formato

FICHA TÉCNICA

Concepção do projeto

Pesquisa, entrevista e elaboração dos textos

Produção

Fotografia

Márcio Coelho e Ana Favaretto

Márcio Coelho

Ana Favaretto

Maurício Froidi

DESVENDANDO O REGIONAL DE CHORO

Copyright © Márcio Coelho e Ana Favaretto, 2014

Gerente editorial executivo Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora Andreia Pereira

Assistentes editoriais Flávia Zambon e Andréa Der Bedrosian

Produtor editorial Elcyr Alberto

Supervisão de revisão e preparação de texto Fernanda Almeida Umile

Projeto gráfico, ilustrações e diagramação Márcio Koprowski

Produtor gráfico Rogério Strelciuc

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C618

Coelho, Márcio.

Desvendando o regional de choro / Márcio Coelho, Ana Favaretto; ilustrado por Márcio Koprowski. 1. ed. – São Paulo: Formato, 2015.

32 p. : il. ;

ISBN: 978-85-7208-885-5

1. Choro. 2. Música. 3. Literatura infantojuvenil brasileira I. Favaretto, Ana. II. Koprowski, Márcio.

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura infantojuvenil 028.5

1ª tiragem, 2015

Direitos reservados à SARAIVA Educação Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 270 – Pinheiros – 05413-010 – São Paulo – SP

SAC | 0800-0117875
De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30
www.editorasaraiva.com.br/contato

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem o consentimento por escrito da editora.

960891.001.001

Radio Nacional



DESVENDANDO O REGIONAL DE CHORO

Esta obra tem por objetivo dar destaque a um dos conjuntos mais importantes da cultura popular brasileira: o regional de choro. De modo simples, apresentamos como o tradicional grupo instrumental de choro é constituído, quais são seus principais instrumentos e como eles atuam em conjunto.



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

OS AUTORES E O CHORO 7

A ORIGEM DO CHORO 8

Por que choro?

O REGIONAL

OS INSTRUMENTOS DO REGIONAL DE CHORO

Violão de seis cordas

Violão de sete cordas

Cavaquinho

Pandeiro

Bandolim

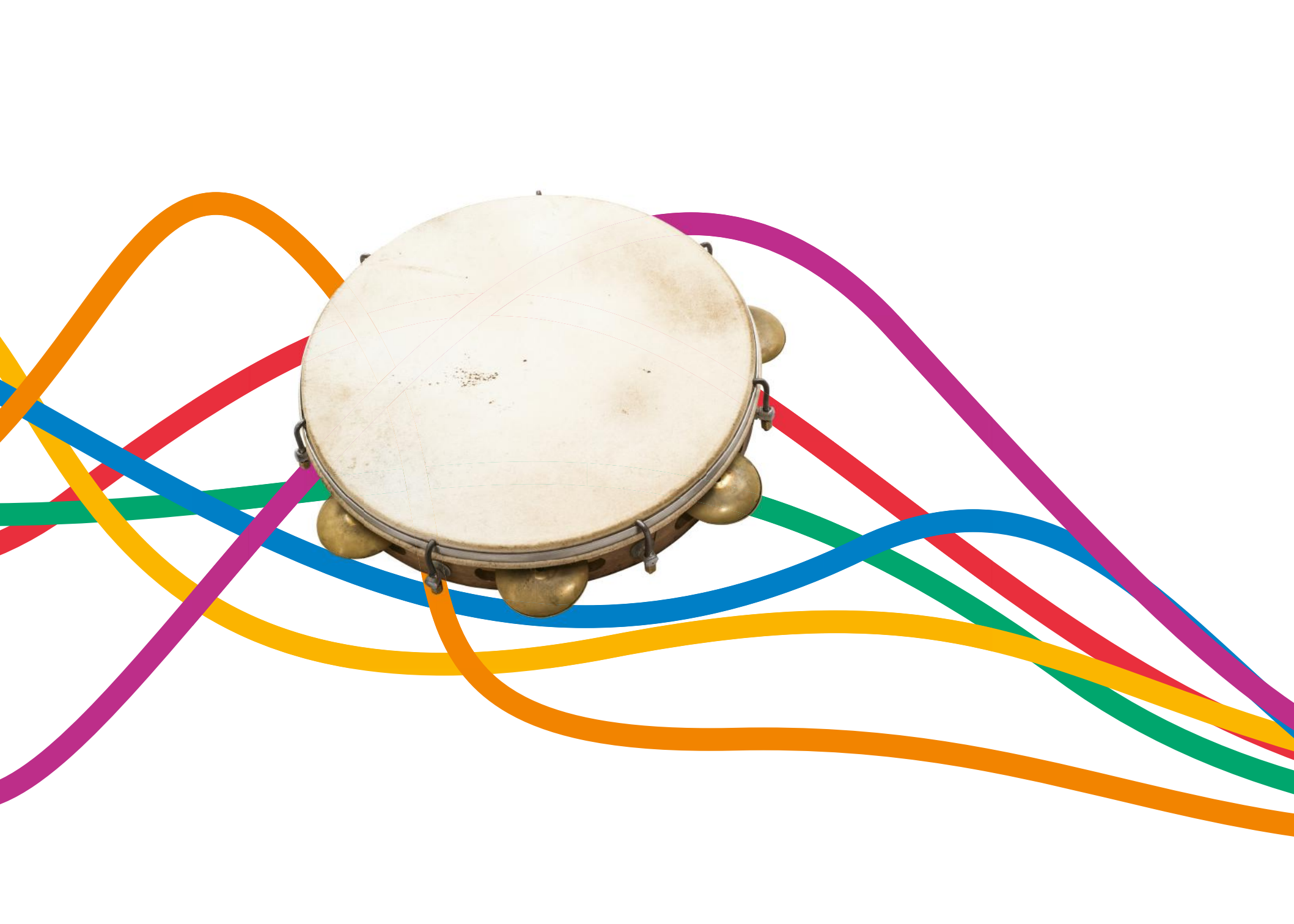
Flauta

Entrevista

10

13

16



INTRODUÇÃO

Este é o quinto volume da **Coleção Desvendando**. Já desvendamos a bateria da escola de samba, o grupo de maracatu, a banda de *rock*, a orquestra de frevo e, agora, vamos desvendar juntos o regional de choro.

Há muito tempo não vemos a música genuinamente brasileira na mídia, isto é, no rádio, na televisão e em outros meios de comunicação populares.

Com o **choro** (ou chorinho) não é diferente. Embora tenhamos clubes de choro no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Brasília, em Belo Horizonte e em outras cidades, o choro parece ter sido definitivamente banido da mídia, mas não do imaginário musical do Brasil.

Assim como é muito interessante saber como funciona o motor de um carro, uma usina hidrelétrica, a organização de uma colmeia, o Congresso Nacional etc., é muito prazeroso, também, desvendar o funcionamento de um grupo musical. No mundo, pouquíssimas pessoas que não são ligadas ao universo da música fazem ideia de como os instrumentos produzem som; de qual é a função de cada um nos seus grupos; de como é a sua relação entre si etc. Então, mais uma vez, estamos confiantes de que os pequenos leitores deste livro se surpreenderão com as informações nele contidas.

Uma coisa é certa: você começará a lê-lo sabendo que **choro** não é somente aquele ruído que faz o bebê quando está com cólica. O choro é muito mais que isso: é um gênero de música genuinamente brasileiro, surgido no início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro.

Estamos certos de que na próxima vez que você vir um bandolim não o confundirá com um cavaquinho, assim como saberá identificar alguns dos muitos tipos de flauta.

Portanto, sem chororô, continue a leitura e, aos poucos, vá desvendando a riqueza sonora do nosso país, por meio das melodias dolentes do chorinho. Certamente, será um trabalho muito prazeroso.

Márcio Coelho e Ana Favaretto

OS AUTORES E O CHORO

Fui criado no circuito Abolição, Encantado e Piedade, no subúrbio do Rio de Janeiro. Esse ambiente também era o de grandes músicos de épocas remotas, como Pixinguinha, que nasceu em Piedade; Araci de Almeida, principal intérprete de Noel Rosa, que vivia no Encantado, onde a víamos todos os domingos passeando com seus cachorrinhos, um preto e o outro, branco, de cujos nomes nunca me esquecerei: Arroz e Feijão, dentre muitos outros mitos da música popular brasileira.

Aos quinze anos, no bairro de Pilares, quando eu terminei de cantar em um festival de escola, um senhor se aproximou e me perguntou: “Você sabe música?”. Eu respondi que não e ele me ofereceu aulas gratuitas.

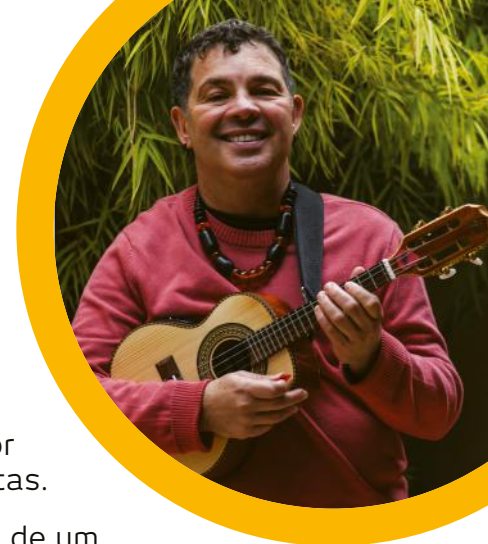
Como não o conhecia, perguntei a meus pais: “Quem é?” E a surpresa não poderia ser maior. Tratava-se de um dos maiores chorões de todos os tempos: Claudionor Cruz, músico, compositor e líder do regional que acompanhava Ataufo Alves. Desde então, passei a frequentar a sua casa e, lá, conheci muitos chorões. Por volta dos dezesseis anos, eu já tinha o meu próprio grupo, o Vibrações. Não tardou, fui convidado – juntamente com Toni Sete Cordas, hoje no conjunto Época de Ouro – para tocar no conhecidíssimo regional Cordas Novas, no qual tive a oportunidade de me apresentar com Pedro Amorim (bandolim) e com ninguém menos que Jorginho do Pandeiro.

O chorão é um obstinado, ensaia por muitas horas seguidas e estuda seu instrumento em quase todos os tempos livres. Nessa toada, passei várias tardes no Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, copiando partituras de choros a partir de originais cedidos pela Dona Adília, esposa de Jacob do Bandolim, que, nesse tempo, já era falecido.

Naquela época, ou eu estava tocando, ou ensaiando, ou assistindo a algum espetáculo de choro nos diversos teatros do Rio de Janeiro.

Mas um lugar eu não posso deixar de detalhar pra vocês: o bar Sovaco de Cobra, que ficava na Penha, um bairro muito afastado. Aos domingos, quase todos os chorões do Rio iam para lá. Então, o interior ficava pequeno, e chorões e público tomavam as ruas da esquina onde o Sovaco de Cobra ficava. Foi então que pude ver de pertinho lendas do choro, como Raphael Rabello, Joel do Bandolim, Dino Sete Cordas, dentre muitos outros.

Agora estou aqui, saudoso e feliz por ter a oportunidade de mostrar às crianças de todo o Brasil como funciona o regional de choro. Não chorarei, pois se trata de uma saudade boa, que remete à minha infância e adolescência, lembrando-me de que, assim como Claudionor Cruz semeou em mim o gosto pelo choro, posso semear em vários coraçõezinhos o encantamento por ele.



Márcio Coelho

Sou natural de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Desde bem pequena, escolhi as artes como profissão: sou cantora e artista plástica.

Posso dizer que o choro sempre esteve presente em minha vida, pois minha mãe adorava cantarolar o clássico *Tico-tico no fubá*, e meu pai gostava muito de nos mostrar o virtuosismo de Altamiro Carrilho, um flautista brasileiro muito importante para o choro.

Um dos meus discos preferidos era um antigo do Pixinguinha, de vinil, que tinha um encarte bem legal, com fotos e um pouco de sua história.

Os nomes de alguns músicos e de algumas composições desse gênero causavam-me certa estranheza. Veja só: Altamiro Carrilho, Pixinguinha, Anacleto, *Corta Jaca*, *Urubu Malandro* e *Tico-tico no fubá*. Contudo, o que me encafifava mesmo era não conseguir entender por que um gênero tão alegre podia ser chamado de **choro** ou **chorinho**.

Cresci e me tornei artista plástica, e creio que minha obra-prima seja *Os batutas*, uma gravura em metal inspirada em uma foto do grupo chamado Os oito batutas, do qual Alfredo da Rocha Vianna Filho, o Pixinguinha, era o líder.

E olha o choro novamente fazendo parte de minha vida. Tenho a sorte de ser parceira de Márcio Coelho, que iniciou sua carreira musical como chorão, e de poder ouvir histórias bem legais, que agora serão divididas com vocês.

Aproveitem este livro com muita alegria conhecendo um pouco mais de **choro**, **chorinho** e **chorão**.

Ana Favaretto



A ORIGEM DO CHORO

Segundo o músico e pesquisador Henrique Cazes, a mistura de gêneros musicais e maneiras de tocar, que levou ao nascimento do **choro**, também ocorreu em outros países.

O maxixe brasileiro, o beguine da Martinica, o *danzón* de Cuba e o *ragtime* estadunidense são adaptações da **polca**, que tem origem na Polônia e chegou ao Brasil por meio de nossos colonizadores.

POR QUE CHORO?

Existem várias hipóteses que buscam definir a origem do nome **choro** como gênero musical.

Câmara Cascudo, nosso maior pesquisador do folclore, diz que **choro** vem de *xolo*, que era um baile que escravos faziam nas fazendas. Portanto, segundo ele, *xolo* se tornou *xoro* e, por fim, **choro**.

Ary Vasconcelos acredita que esse nome venha dos "chormeieiros", grupo de músicos muito importante no período colonial. Segundo suas pesquisas, com o tempo, o povo passou a chamar qualquer grupo musical de *chormeieirose* e, em seguida, encurtou o termo para *choros*.

José Ramos Tinhorão acredita que o nome **choro** tenha vindo da melancolia gerada pelas melodias tocadas nas cordas graves pelo violão de sete cordas.



11

Embora esses pesquisadores da música popular estejam entre os maiores do Brasil, Henrique Cazes, respeitosamente, discorda de todos. Ele afirma que um fenômeno tipicamente urbano, como o choro, jamais teria origens rurais, e que seria pouco provável que as **charamelas** tenham influenciado no **choro**, pois ele nasceu muito tempo depois das **CHARAMELAS** e dos "chormeieiros".

são instrumentos da família das palhetas, precursores dos oboés, fagotes e clarinetas.